

## CAPÍTULO I

### **A Instituição Museu: a historicidade de sua dimensão pedagógica a partir de uma visão crítica da instituição**

O significado do Museu atualmente de forma geral é vinculado a algo ultrapassado como "velho", "mofo" e "poeira", são as definições mais usuais e pejorativas quando se faz referência ao conceito desta instituição.

Isto talvez, se dê, devido ao fato do Museu está distanciado da sociedade, ou então, por ter ficado historicamente simbolizando um templo de raridades e coisas exóticas, que mais serviam à curiosidade e espanto do que ao processo educativo, que desde sua origem o Museu deveria buscar atingir.

Do Mouseion ao Museu muito temos que dissertar, os avanços em determinados momentos, os retrocessos. As buscas em inseri-lo no contexto social e principalmente a questão dos acervos museográficos serem ou não educativos.

O Mouseion, ou Casa das Musas, tem sua origem na Grécia, era definido como local de pesquisa e Templo, ressaltamos que não foi criado como instituição museal que hoje conhecemos. Segundo Santana (1), analisando a origem do Mouseion, a autora coloca que "...as obras de arte expostas no Mouseion existiam mais em função de agradar as divindades do que serem contempladas pelo homem".

Nota-se que na citação a autora introduz a palavra contemplação, o que historicamente traduziu o Museu como local sagrado, onde era exigido determinados padrões de comportamento para a apreciação da cultura material de segmentos da sociedade daquele período histórico.

No Egito, o Mouseion, foi utilizado para definir um local de estudos, espécie de Universidade com centros de educação e irradiação do conhecimento. Para Suano (1986) (2) "... buscava-se discutir e ensinar todo o saber existente no tempo, nos campos da religião, mitologia e medicina, cuja principal preocupação era o saber enciclopédico".

Assim, o Museu de Alexandria, foi um centro de pesquisa organizado e financiado pelo Estado, com o objetivo de fomentar a produção de conhecimento, para esse fim possuía laboratório de pesquisa, jardins botânicos, zoológico, observatórios, uma biblioteca, etc.

Segundo Andery (1983) (3)

*o conhecimento produzido no Museu teve como marca seu interesse nas técnicas e a possibilidade de explicação que parecia abrir. Tais possibilidades abertas pelas explicações dadas e pelos conhecimentos aí produzidos permitiram aos pensadores helênicos conhecer: forças energéticas diferentes do animal, como a energia hidráulica, a pressão do ar, a máquina, etc...*

Sendo assim, no Museu de Alexandria uniu-se a diversidade de temas e estudiosos que buscavam explicações através da produção do conhecimento, para as necessidades da sociedade desse período. Como exemplo na medicina, Herófilo identificou o cérebro e não o coração como o centro da consciência; Arquimedes na física propôs os fundamentos da mecânica.

O que mais tarde vai refletir não só na concepção de Museu, como local que deveria reunir toda a cultura da humanidade, como também na formação do profissional museólogo que deu-se em todos os campos do conhecimento, é o saber enciclopédico.

Em outro momento, o Mouseion passa a ser denominado de Gabinete de Curiosidades. Isto acontece no momento em que se define um espaço físico determinado para abrigar as coleções. O nome não poderia ser mais propício, onde de forma assistemática eram colocados todos os objetos que poderiam ser "contemplados" pelo homem, ressaltando seu exotismo, curiosidade e raridade.

Na história do Museu, com relação a questão do colecionismo, verifica-se que na Idade Média, a obra de arte passa para o poder da Igreja, isto porque a Igreja Católica pregava o despojamento pessoal e o desprendimento dos bens materiais. Dessa forma, a igreja passa a ser a principal receptora de doações e produtora de bens materiais formando verdadeiros tesouros. A influência da igreja toma uma abrangência maior, devido ao fato da criação de um centro didático que tinha por objetivo sistematizar a produção artística que servia como receituário da estética aprovada pela Igreja para o público e artista.

Nesse contexto, em oposição a esses padrões pré-estabelecidos pelo catolicismo, o filósofo Tomaso Campanella (1986) (4) no seu livro Cidade do Sol (escrito na prisão por ter divulgado um manifesto em defesa de Galileu), esboçava uma concepção de Museu que divergia da concepção dominante de sua época:

*Nessa utópica Cidade haveria um Museion bem diferente do modelo da época, ele seria uma revolucionária sede do pensamento científico, sem paredes, onde as crianças aprenderiam brincando todas as ciências e artes. Tal museu seria a modelar antítese do sistema escolástico jesuítico, de férrea disciplina e com o aprendizado baseado na memorização.*

No Renascimento, na época de Médici (sec. XV), o conceito de Museu é utilizado para designar um local para o abrigo de coleções de caráter privado. Onde a visitação e o convívio no interior desse local era privilégio dos nobres e dos artistas. O repúdio ao acesso do homem comum, entendendo este como o sujeito que não fazia parte da classe em poder nesse momento histórico, é constatado através da análise da nota publicada num jornal inglês, que nos permite compreender a concepção de museu e a questão do acesso do público em geral:

*Isto é para informar o Público que tendo-me cansado da insolência do Povo comum, a quem beneficiei com visitas a meu museu, cheguei a resolução de recusar acesso à classe baixa exceto quando seus membros vierem acompanhados com um bilhete de um Gentleman ou Lady do meu círculo de amizades. E por meio deste eu autorizo cada um dos meus amigos a fornecer um bilhete a qualquer homem ordeiro para que ele traga onze pessoas, além dele próprio, e cujo comportamento ele seja responsável, de acordo com as instruções que ele receberá na entrada. Eles não serão admitidos quando Gentleman e Ladies estiverem no Museu se eles vierem em momento considerado impróprio para sua entrada, deverão voltar outro dia (Sir Ashton de Alkirington Hall apud Suano :27).*

Essa nota no jornal inglês, pode ser justificada pelo fato do acesso ao Museu ou Gabinete de curiosidades, ser até então, restrito a um público seletivo, sendo que os "donos dos tesouros" abriam exceções, para que suas obras de arte fossem admiradas. Continuando assim até o século XVIII. Com o movimento revolucionário do século XVIII, o Museu foi aberto definitivamente ao acesso do grande público. Mas a transformação não se restringiu apenas a questão da democratização do acesso do

público, refere-se principalmente a mudança da noção de coleção para a noção de patrimônio, dentro do prisma democrático de que essas coleções deveriam ter caráter público e não privado como até então vinha sendo entendido. um outro ponto foi com relação a sistematização dos acervos e o estudo das coleções, aparecendo as primeiras preocupações com o caráter educativo do Museu.

Com essas transformações a instituição busca através dos acervos museográficos, o seu espaço no processo educativo, como também, no contexto social, porém permanecendo com uma mistura de conceitos abarcando desde a idéia de centro educativo, local de contemplação e exposição do raro, curioso e exótico.

Outrossim, de forma isolada alguns estudiosos realizavam críticas com relação ao Museu e a questão da sua função educativa, como por exemplo Ruskin (apud Suano, 1980: 39) que ressaltava a importância de se dar uma função educativa ao museu colocando como proposta que os objetos fossem expostos com uma visão crítica e não como estavam sendo apresentados de forma expositiva o que não contribuía para o processo de aprendizagem através do bem material.

São as primeiras indicações e críticas com o objetivo de inserir o museu no processo educativo, deixando de ser um local apenas de exposição de curiosidades que só provocavam espanto e/ou contemplação. Nessa direção não estava cumprindo com o seu papel de instituição educativa. Após 1917, com a revolução Russa, a museologia encontra um grande avanço no que se refere a nova concepção museográfica soviética, que divergia da concepção tradicional de museu do século passado. Essa concepção demonstrava que o museu deveria oferecer ao homem uma leitura dos acervos, rompendo com as apresentações estanques, privilegiando uma visão de conjunto da produção artística em determinados momentos da história da humanidade evidenciando o contexto em que as obras foram geradas.

De outra forma, nos Estados Unidos, a preocupação em inserir o museu na dinâmica da sociedade, surge a expressão "museu dinâmico" que buscava definir uma nova proposta museológica. Segundo Suano (1986) (5)

*... cunha-se a expressão museu dinâmico para definir essa instituição que abrigava a obra de arte, arquivos, espécimes raros do mundo mineral, vegetal e animal e que oferecia a sociedade serviços educacionais, concertos de música, desfiles de moda e ciclos de debates.*

Nessas duas propostas, estabelecendo uma análise conceitual verifica-se que a divergência se pauta na questão da concepção de museu. Na concepção soviética existe de fato uma mudança no pensar e fazer o museu, desde o aspecto da seleção, documentação e apresentação do objeto:

*Esses museus foram todos estruturados de acordo com a teoria marxista para transmitir determinadas interpretações do passado e mensagens ideológicas para o futuro. Partindo do princípio de que a cultura - e assim a obra de arte - não é neutra mas é cultura multiforme, diversamente gerada por classes sociais diferentes, o museu soviético passa a ter por objetivo mostrar justamente isso, as diferenças de classe (SUANO :52).*

Por outro lado, na concepção museológica americana existe uma mudança aparente, o museu passa a ser um centro de animação cultural, para a promoção do objeto, não necessitando de mudanças estruturais. Esse é o modelo adotado na década de 70 no Brasil.

Para Bohan (1979) (6) utilizando-se do conceito de conscientização, sustentado na teoria da educação do educador Paulo Freire, para desenvolver sua análise sobre a questão de animação cultural nos museus coloca que:

*... o conceito de conscientização, ou seja, é a transformação do homem - objeto da sociedade de consumo - objeto do mundo atual, objeto do mundo técnico em homem-sujeito. Se a animação é isto, então o museu não desempenha este papel (...) A separação do objeto de seu meio ambiente natural é uma ação contrária à animação cultural, entendida esta como conscientização.*

Na literatura consultada, percebemos que a ciência museológica busca atualmente avançar nos aspectos introduzidos pela concepção museológica russa. Com o movimento na década de 60, pela democratização da cultura na Europa, evidencia-se mudanças com relação as instituições culturais, estando o museu dentro desse processo de transformação, surgindo o Movimento da Ecomuseologia e posteriormente da Nova Museologia.

George Henry Rivière (1985) (7), define o ecomuseu como:

*... es un instrumento que el poder político e la población conciben, fabrican y explotan conjuntamente. El poder, com os experts, las instalaciones sus conocimientos y su idiosincracia (...) (...) una expresión del hombre y de la naturaleza. El hombre es allí interpretado em relación a su ámbito natural e la naturaleza esta presente en su estado selvage, pero también tal como a sociedad tradicional y la sociedad industrial la transformaran a su imagen.*

Percebe-se assim, que os novos pressupostos desse novo modelo de museu, buscam a ruptura com o modelo de museu do século passado. Analisando o movimento da ecomuseologia, buscando explicitar as bases em que se pautava este novo fazer Bohan (1979) (8), coloca que:

*... a perspectiva da função do museu enquanto instituição social, está em crise, que se radica nas necessidades da dinâmica da sociedade de nosso tempo. Com esta crise de identidade surge como saídas novas categorias de Museus e a construção de novos pressupostos museológicos, a exemplo da ampliação do conceito de patrimônio, a dimensão pedagógica e social do museu, que buscam intensificar a relação sujeito-objeto.*

A Nova Museologia tem por objetivo estender os recursos oferecidos pela ciência museológica que não são restritos apenas às funções tradicionais do Museu, tais como: identificação, conservação e educação, almejando iniciativas que inserissem o meio físico e o homem, como também, todas as formas de museologia ativa.

Analisando as causas que resultaram nas insatisfações dos partidários do movimento da Nova Museologia, Mayrand (1985) (9) coloca que:

*Quais os fatores que podem mobilizar, tão repentina e impressionantemente, tanta gente em torno de um conceito ainda mal definido e a procedimentos às vezes divergentes? Poderiam enumerar-se várias razões: o atraso com que a instituição museológica se adapta às realizações e à evolução cultural, social e político; a lentidão e a incomunicabilidade dos órgãos que a representam e a estes fatores deve-se*



*acrescentar o que encaramos, naturalmente, como uma conseqüência da crise mundial e a tentativa de reavaliação das realizações do homem.*

*Porém, do nosso ponto de vista, a causa fundamental deve-se ao caráter monolítico dos museus, e da inconsistência das reformas que propõem, a marginalização de suas experiências e posições, que poderiam, de certa forma qualificar-se de comprometidas.*

É necessário, entretanto, destacar, alguns eventos patrocinados pela UNESCO-ICOM (Conselho Internacional de Museus) que estabeleçam as primeiras discussões sobre esses movimentos surgidos a partir dessa nova concepção de Museu.

Em 1970, no Chile, foi realizado a Mesa Redonda de Santiago, cujo tema foi "A Importância e o Desenvolvimento dos Museus no Mundo Contemporâneo", enfatizando o papel dos museus na construção do processo histórico, do desenvolvimento científico, tecnológico e de educação permanente, como também, comprometido com a melhoria da qualidade de vida e, sobretudo, com a participação do cidadão. Estabelecendo-se dentre outras as seguintes resoluções:

1. É necessário a abertura do Museu a outros ramos que não lhe são específicos para criar uma consciência do desenvolvimento antropológico, sócio-econômico e tecnológico das nações da América Latina, mediante incorporação de assessores na orientação dos Museus;
2. Que os Museus intensifiquem sua tarefa de recuperação do patrimônio cultural para colocá-lo em função social para evitar sua dispersão fora do meio latino americano;

3. Que o Museu facilite aos investigadores qualificados, da melhor forma possível, o acesso às coleções de instituições públicas e privadas;
4. Atualizar os sistemas museográficos tradicionais afim de melhorar a comunicação entre o objeto e o expectador;
5. Que os Museus estabeleçam sistemas de avaliação para comprovar sua eficiência em relação com a comunidade.

As inquietações continuavam, em 1984, por ocasião da Conferência Geral do ICOM, em Quebec-Canadá, tendo como substrato as resoluções da Mesa Redonda de Santiago do Chile, foram discutidas questões sobre Ecomuseologia e Nova Museologia, resultando as seguintes deliberações:

1. Convidar a comunidade museológica internacional a reconhecer este movimento, assim como, adotar e aceitar na tipologia dos museus todas as formas de museologia ativa;
2. Fazer todo o possível para que as autoridades públicas reconheçam e apoiem as iniciativas locais nas que se apliquem estes princípios;
3. Criar, com este espírito e com o fim de desenvolver esta museologia e fazê-la eficaz, as seguintes estruturas permanentes:
  - a) Um comitê internacional de ecomuseus e museus comunitários dentro do ICOM;
  - b) Uma federação internacional de Nova Museologia.

No momento presente, a ciência museológica, passa por um processo de reflexão, subsidiada pelas discussões e resoluções sobre Ecomuseologia e Nova Museologia, trazendo à tona questões como: revisão conceitual com relação a instituição museu, a função educativa e social, o alargamento do conceito de Patrimônio, bem cultural e ação e participação comunitária.

No Brasil, o primeiro Museu a ser criado foi o Museu Nacional do Rio de Janeiro ou Museu Real, Marlene Suano (1986) (10), destaca que:

*... tanto a Escola Real quanto o Museu Real foram criados nos moldes europeus embora muito mais modestamente. Para o acervo inicial da Escola Real, D. João VI doou os quadros que trouxera de Portugal, em 1808. Já o Museu Real ou Museu Nacional - nossa primeira instituição científica - hoje o maior museu do país, teve por núcleo uma pequena coleção de história natural conhecida, antes da criação do museu como "Casa dos Pássaros".*

Outros museus foram criados, tais como: Museu do Exército (1864), Museu Emílio Goeldi (1866), Museu do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia (1894), apresentavam grande influência dos Gabinetes de Curiosidades dos Museus europeus, através de uma coleta do que existia de exótico, raro e curioso da nossa cultura, para ser exposto no interior dessas instituições.

Com relação a uma historiografia sobre os museus brasileiros existe uma reduzida literatura e pesquisas que trabalhem esta temática. Através de Santos (1988) (11) ao analisar o estágio dos museus brasileiro, torna-se possível inferir que a realidade desses museus está entre os Gabinetes de Curiosidades do modelo europeu do século passado e alguns avanços que estão sendo realizados através de trabalhos alternativos que buscam um novo fazer no que se refere ao museu-educação e patrimônio cultural. A autora afirma que:

*... observamos estágios diferenciados de dinamização e interação dos museus com a sociedade; há instituições museológicas que não ultrapassaram ainda a fase de armazenamento do aspecto de Gabinete de Curiosidade,*

*esperando que um visitante despretençioso o aprecie, se deleite com as raridades que ali estão preservadas para a posterioridade. Por outro lado, notamos algumas transformações constatadas através da execução de algumas ações museológicas isoladas, que vão desde a redefinição dos aspectos museográficos, preocupação com a didática e aumento da pesquisa.*

Percebe-se que a busca de um novo fazer museológico, se traduz em alguns trabalhos alternativos desenvolvidos, que em escala reduzida procuram ultrapassar a dicotomia teoria/prática, entendendo-a como uma unidade de contrários, numa perspectiva didática da realidade em estudo, sobre Cultura, Patrimônio, Educação e ações museológicas.

Com relação a ação pedagógica dos museus, mais especificamente, no Estado da Bahia, encontra-se na década de 70, a criação de um Programa, intitulado "Extensão Cultural e Educativa", no Museu da Arte Sacra da UFBA. Uma experiência pioneira após a constatação da inexistência de programas educativos nos Museus da Cidade de Salvador que tivessem por objetivo o atendimento de professores e estudantes.

Em 1976, foi criado o Programa de Integração Museu-Escola, sob a responsabilidade da Fundação Cultural do Estado da Bahia - DEPAM - com o objetivo de elaborar e executar atividades educativas a partir dos acervos dos museus e suas programações.

Em 1986, também em nível estadual, foi criada a Unidade de Integração Museu-Escola e Comunidade, ligado ao Departamento de Museus da Fundação Cultural do Estado da Bahia, devido a extinção do Programa criado em 1976. Este novo Programa tem por objetivo integrar os acervos dos museus como ponto referencial para o estudo e visitas dos educandos através de atividades educativas.

No Curso de Museologia da UFBA, sob a coordenação da professora Maria Célia Santos, vem sendo desenvolvido um projeto de Ação Cultural e Educativa junto às escolas da rede pública da Cidade do Salvador, baseado numa nova concepção sobre a utilização do patrimônio cultural como recurso didático, objetivando romper com as metodologias tradicionais desenvolvidas nos trabalhos de integração entre o museu e a escola. Salienta a referida autora:

*... a superficialidade das visitas guiadas, as atividades a serem desenvolvidas entre o Museu e a escola não podem ter simplesmente um caráter de 'evento'. A seriedade com que deve ser tratada a questão educacional não deve permitir que com simples programas eventuais, possamos afirmar que os museus estejam atuando de forma eficiente junto à rede escolar (SANTOS, 1987 :194).*

Para Sola (1989) (12), a questão educativa passa por uma discussão conceitual da função do Museu, sendo um objetivo de todas as ações museológicas, colocando que:

*... o conceito do papel educativo dos museus deve ser repensado se for para atingir a sua verdadeira dimensão. Mas esta transformação não pode ser atingida somente através do setor educativo. Se ela não é parte integral de uma nova proposta para a instituição na sua totalidade, então nada de substancialmente novo poderá acontecer.*

No bojo dessas questões, este trabalho de pesquisa tem como proposta o estudo da dimensão pedagógica do Museu, entendendo que esta deve ser explicitada desde o momento em que o museu é concebido. O que irá refletir em todas as ações técnicas que serão desenvolvidas.

Na nossa concepção, a dimensão pedagógica do Museu, não está relacionada apenas com a apresentação dos objetos, mas certamente, na compreensão da historicidade do objeto museal. Por isso, defende-se a tese que cada objeto traz consigo a sua historicidade, que reflete as inter-relações dos homens com o seu meio e com a fato cultural, num espaço-tempo histórico determinado. Assim, se concretiza uma praxis pedagógica, cuja relação sujeito-museólogo e sujeito-visitante é mediatizada pelo objeto museal, tomado enquanto objeto de conhecimento.

O que significa que o coletar, o documentar e o expor o bem cultural tem por objetivo síntese, explicitar as relações e as contradições contidas no objeto museal, proporcionando ao homem, condições de identificar, pensar e atuar a partir dos elementos culturais que são apresentados num discurso museológico.

Neste sentido, o pensar o museu na perspectiva da sua dimensão pedagógica é romper com a visão nostálgica do preservar só o passado, mas, e, principalmente buscar no objeto museal o seu movimento, que será estabelecido nas teias de relações onde estará imerso em determinados momentos históricos.

Isto porque o objeto museal é uma ação cultural do homem, elaborado no percurso da sua existência material, histórica e social. Ao não ser o objeto entendido dentro do processo histórico, torna-se apenas um índice de si mesmo. Desta forma, no próximo capítulo será discutido o que é objeto museal, o objeto museal enquanto conhecimento, situando-o nos processos históricos delineados na Idade Média e no Renascimento que serão substratos para a construção da modernidade.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- (1) SANTANA, Gilka. História dos museus. (Tradução Enciclopédia Britânica), [s.d.]. p.2. (mimeo.).
- (2) SUANO, Marlene. O que é museu. São Paulo: Brasiliense, 1980. p.27. (Primeiros Passos).
- (3) ANDERY, Maria Amália et al Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988. p.115.
- (4) CAMPANELLA, Tomaso apud SUANO. op.cit. p.25.
- (5) SUANO, Marlene. op.cit. p.54.
- (6) VARINE, Hughes. op.cit. p.17.
- (7) RIVIÈRE, George Henri. Imagens del ecomuseo. Museum. Paris/Unesco. n.148/185, 1985. p.2.
- (8) VARINE, Hughes. op.cit. p.68.
- (9) MAYRAND, Pierre. La proclamación de la nueva museologia. Museum. op.cit. p.
- (10) SUANO, Marlene. op.cit. p.33.
- (11) SANTOS, Maria Célia. Repensando a ação cultural dos museus. [s.l.] [s.d.]. p.6. (mimeo.).
- (12) SOLA, Tomislav. Educação para a comunicação. [s.l.] [s.n.], 1989. p.3.